

José Maria Semedo
Universidade de Cabo Verde

A Ilha de Santiago (Cabo Verde)

Génese de um ecossistema e identidade cultural numa ilha de escala marítima entre a África, a Europa e as Américas

Homenagem a Maria R. Turano

Abstract

A ilha de Santiago é a mais extensa do arquipélago de Cabo Verde, foi também a ilha onde começou o povoamento do arquipélago iniciado no século XV, durante o período de expansão europeia protagonizada pela coroa portuguesa. Partindo de uma paisagem natural sui generis na encruzilhada entre a Macaronésia e o Sahel, a presença humana iniciada com o povoamento introduziu profundas alterações na flora, cobertura vegetal e fauna. O quadro de ciclos de seca e isolamento num período de perda de importância na rota de navegação atlântica, criaram condições favoráveis ao surgimento da nação cabo-verdiana, caracterizada por uma nova língua, hábitos, costumes e modus vivendi que ao longo do tempo se distanciou tanto da antiga metrópole colonizadora como das várias culturas ribeirinhas que deram contributo ao seu povoamento. Ao longo de cinco séculos de presença humana uma ilha antes deserta e num equilíbrio frágil foi completamente alterada com a criação de uma paisagem fortemente

culturalizada onde o homem busca o equilíbrio entre os fracos recursos naturais e uma economia viável capaz de promover um desenvolvimento sustentável e durável. Apesar da sua localização tão próxima da África de oeste e sua inserção política na CEDEAO o arquipélago conseguiu manter a sua originalidade, uma insularidade cultural numa vasta região saheliana, mas com grande coesão interna e extensão na sua diáspora pelos vários continentes.

1. Introdução

O arquipélago de Cabo Verde está localizado a 455 km ao poente do promontório ou cabo Verde onde está a Cidade de Dakar no Senegal¹, daí a designação das ilhas. As latitudes extremas do arquipélago inscrevem-se entre os paralelos 15° e 17° Norte do Equador.

As ilhas de Cabo Verde são essencialmente de origem vulcânica e, no quadro geológico, estão assentes na plataforma oceânica contígua ao continente africano, ou seja estão na Placa africana numa visão estrutural. No quadro histórico, foram descobertas nos meados do século XV por navegadores portugueses durante o período de expansão europeia, protagonizada por aquele país ibérico. O arquipélago foi inserido no património territorial de Portugal, país que deu início ao seu povoamento em 1462 com a introdução de colonos portugueses, alguns genoveses, castelhanos e escravos trazidos da África de Oeste.

Numa visão estratégica do século XV, o arquipélago pode ser inserido nas proximidades dos reinos costeiros da África Ocidental, alguns ainda vassalos do império do Mali,

¹ Denominado cabo ou promontório Verde, donde veio a designação do arquipélago.

interessados nas trocas comerciais com a Europa, mas também no percurso do Atlântico Sul rumo às Índias ou entre o velho mundo e a América central e austral.

A posição privilegiada do arquipélago nas proximidades de uma zona comercial muito cobiçada na época, incentivou o início do seu povoamento e a transformação das ilhas, especialmente da ilha de Santiago, numa plataforma avançada da administração portuguesa junto dos rios da Guiné, onde Portugal fazia trocas comerciais em condições muito vantajosas para a coroa e para os armadores.

À data da ocupação das ilhas de Cabo Verde, Portugal com o domínio de técnicas de navegação de alto mar sentia-se muito próximo da costa africana, enquanto os reinos ribeirinhos ficariam suficientemente afastados para eventuais ataques ao arquipélago, usando meios de navegação autóctones, assim como ficava resguardada o risco de fuga dos escravos acumulados em Santiago.

É nesse quadro de inserção no Atlântico e no Sahel, jogadas de posições estratégicas e proximidades relativas que se deu início ao povoamento da ilha de Santiago, na segunda metade do século XV, com a vinda de contingentes humanos da Europa e da África de Oeste. Este processo histórico que está na base do surgimento da nação cabo-verdiana, caracterizada por uma nova língua, hábitos, costumes e *modus vivendi* que ao longo do tempo se distanciou tanto da antiga metrópole colonizadora como das várias culturas ribeirinhas que deram contributo ao seu povoamento.

Mas paralelamente o território insular, arquipelágico, frágil e complexo, antes desconhecido dos povos que participaram no povoamento, foi apropriado e humanizado pelos residentes ilhéus, que ao longo dos tempos alteraram completamente os

ecossistemas autóctones, dando origem a uma paisagem culturalizada onde a natureza insular saheliana se combina com a história e o património imaterial idealizado pelo homem caboverdiano dos nossos dias.

2. A colonização da ilha de Santiago e a dinâmica ecológica

O arquipélago de Cabo Verde constitui um exemplo de insularidade longínqua, pelo seu grande afastamento do continente mais próximo². Nesta perspectiva biogeográfica, o povoamento florístico e faunístico destas ilhas foi muito condicionado pelos meios de propagação como as correntes marítimas, o vento e as aves migradoras que abordam ilhas. Efectivamente a biodiversidade terrestre é relativamente pobre, quando comparada aos continentes vizinhos.

Entres os animais terrestres autóctones, dominam as aves, os pequenos répteis (lagartos, lagartixas e osgas), e insectos. Os únicos mamíferos autóctones são os morcegos. As plantas terrestres também apresentam um predomínio de ervas, sobretudo gramíneas e um número muito limitado de espécies arbóreas. A flora original apresenta uma grande afinidade com outros arquipélagos localizados ao norte, nomeadamente da Macaronésia³, o que evidencia a importância das correntes marítimas no processo de colonização vegetal.

Em contrapartida o arquipélago apresenta uma grande variedade de endemismos, na flora, avefauna e herpetofauna. Das 224 espécies de plantas vasculares indígenas do arquipélago, 85 são endémicas, o mesmo valor ascende para

² A distância entre a ilha mais próxima, ilhéu de Baluarte na Boa Vista e a Costa Senegalesa é de 455 Quilómetros.

³ Macaronésia ou ilhas afortunadas abrangem os arquipélagos de Açores, Madeira, Selvagens, Canárias e Cabo Verde.

82% das 23 espécies de répteis indígenas e 58% das aves reprodutoras. O quadro da biodiversidade marítima é bem diferente, como era de esperar pela continuidade dos mares que não comporta o isolamento no contexto das ilhas oceanicas. A maior biodiversidade marítima inclui alguma importância ecológica pela ocorrência de animais comuns à África Ocidental e à costa americana. A título ilustrativo Cabo Verde é o maior centro de reprodução da tartaruga marinha *Caretta caretta* do atlântico oriental.

Actualmente muito se tem especulado sobre a paisagem original do arquipélago, nos meados do século XV, antes da presença e intervenção humana. O ambiente saheliano dominante, com o clima árido, ciclos de secas e chuvas torrenciais concentradas nos meses de verão, o universo insular atlântico e vulcânico teria chegado a um equilíbrio clímax, com uma evolução desde os finais da Era Terciária e teria passado por sucessivas alterações climáticas durante o Quaternário, isto numa extensão temporal de mais de dez milhões de anos. À semelhança das outras ilhas da Macaronésia, o arquipélago de Cabo Verde serviu de refúgio às relíquias vegetais que desapareceram dos continentes vizinhos com as glaciações do Quaternário.

A flora e fauna teriam chegado a uma adaptação aos ciclos de secas e ventos constantes na maior parte do ano, favorecendo o aparecimento de uma mata arbustiva de montanha e estepe herbácea pontuada de árvores adaptadas à secura nos andares áridos do litoral. As primeiras descrições das ilhas feitas por Diogo Gomes e Cadamosto ilustram esta paisagem de equilíbrio frágil, sem a presença humana, dominada por plantas estranhas aos primeiros descobridores que chegaram à ilha de Santiago.

A instalação da primeira comunidade humana na ilha de Santiago, teve de enfrentar grandes dificuldades, desde plantas alimentares, fauna doméstica, materiais de construção, bem como a adaptação a um espaço insular com grandes carências de solos e água. Quase tudo teve de ser introduzido pelos primeiros colonos: sementes, gado, alfaias agrícolas, madeiras, telhas para a cobertura das casas, até pedras de cantarias foram trazidas de Portugal, efectivamente as técnicas de construção de Portugal bem como as habituais na vizinha costa africana tiveram que ser adaptadas ao ambiente da ilha de Santiago, onde faltava barro, pedras de cantarias, madeiras e palha de cobertura.

Numa primeira fase do povoamento a ilha de Santiago assentou a sua economia no comércio com a costa da Guiné, onde aliás a escravatura teve um papel notável. Neste quadro de economia portuária e comercial o ambiente saheliano, com os ciclos de seca foi pouco sentido devido a predominância do comércio. No entanto, a economia interna, virada para a agricultura e pecuária teve que importar plantas e animais, com evidente impacto na alteração da flora e da fauna da ilha. Os primeiros colonos tiveram de ensaiar uma grande diversidade de culturas no ecossistema desconhecido da ilha, plantas de Portugal, da África Ocidental, das Índias e das Américas.

O clima tropical seco, com chuvas concentradas no verão, era desconhecido dos colonos provenientes do Portugal mediterrânico, com chuvas de inverno e secas no verão. As plantas habituais como o trigo, a vinha e a oliveira tinham dificuldades de singrar na ilha de Santiago. As plantas conhecidas dos africanos trazidos para a ilha como o arroz (*Oriza glaberrima*), não suportavam o clima árido da ilha. É praticamente a partir do século XVI com a chegada às Américas que se diversifica a agricultura na ilha de Santiago com a

introdução de plantas agrícolas americanas que progressivamente dominam nos campos da ilha de Santiago, embora cultivados em arranjos típicos mediterrânicos.

A localização da ilha na rota da expansão marítima, que passou a ser uma placa giratória do comércio triangular entre a África, a Europa e as Américas, favoreceu a passagem e aclimatização de plantas e gado, sobretudo plantas provenientes de Europa, América do Sul e Central, África e Ásia. A introdução e a passagem de plantas e animais tiveram um grande impacto na alteração da flora e fauna autóctones, sobretudo se levarmos em conta as limitações territoriais do espaço insular e a fragilidade do ecossistema insular-saheliano.

Os ciclos de actividades económicas que sucederam a queda da cidade - porto da Ribeira Grande⁴ levaram à introdução de uma grande variedade de plantas que nem sempre singraram, mas tiveram incidência na mudança progressiva da flora e consequentemente da fauna da ilha. A situação torna-se mais dramática se tivermos em linha de conta as pragas introduzidas involuntariamente. Hoje o ecossistema da ilha é acima de tudo o resultado da luta dinâmica entre o ecossistema insular saheliano e a actividade dos moradores ao longo de meio milénio de permanência. A paisagem dominante na ilha de Santiago é uma paisagem cultural, definida pelas modalidades de ocupação do espaço pelos moradores. Mesmo nos terrenos incultos e na grande extensão de afloramentos rochosos dominada a flora introduzida para os mais diversos fins ao longo da história da ilha.

⁴ Também denominada cidade de São Tiago, foi a primeira cidade de origem europeia ao sul do trópico de Câncer, actualmente constitui um sítio Património da Humanidade

3. O povoamento da ilha e a dinâmica sociocultural

A ilha de Santiago começou como uma colónia longínqua de Portugal, à semelhança dos Açores e da Madeira. Mas bem cedo o projecto fracassou. Segundo a documentação coeva, devido ao seu afastamento da metrópole, houve dificuldades no recrutamento de gentes para esta ilha. A estratégia de povoamento iniciada na segunda metade do século XV, foi assente no comércio e na navegação, pelo que a coroa teve de atribuir regalias especiais para atrair moradores. Nesta perspectiva o comércio da costa africana foi o principal incentivo ao povoamento, o que favoreceu a importação de grandes contingentes de africanos para a ilha de Santiago, sobretudo na condição de escravos para as lavouras da ilha e para a exportação.

Como exigiam as regras canónicas dos finais da Idade Média, os escravos que chegavam à ilha de Santiago deviam ser catequizados e baptizados, processo que teve grande impacto na aculturação e definição da tradição cristã da grande ilha. Outro dado importante foi a fraca adaptação dos europeus ao clima tropical reinante no arquipélago, particularmente às doenças tropicais comuns na ilha de Santiago. Entre os marinheiros, administrativos, militares, eclesiásticos e aventureiros eram maioritariamente masculinos, pelo que um dos problemas da Cidade da Ribeira Grande era a falta de mulheres brancas, função que as negras souberam superar com elevada mestria. Já nos primórdios do século XVI a comunidade era dominada de “pardos” que progressivamente dominavam os lugares no clero e na administração.

A inserção num clima árido e a persistência de ciclos de secas, bem como o relativo abandono da ilha durante os séculos XVI e XVII, com a perda da sua importância na navegação atlântica,

tiveram um grande impacto na definição da nova sociedade emergente no arquipélago. A perda da importância de escala marítima despertou a dependência da terra, pois a agricultura e a pecuária passaram a ser actividades dominantes na economia da ilha de Santiago. Esta dependência da terra despertou nos moradores a realidade do ambiente insular/saheliano com os ciclos de seca e das grandes crises alimentícias. A fome resultante da seca entrou na memória colectiva da sociedade isleña, que teve de adoptar estratégias de sobrevivência nunca ensaiadas no continente vizinho nem na metrópole colonial, entre os quais a dispersão da população e o povoamento das restantes ilhas do arquipélago, reduzindo a carga demográfica sobre a terra.

Portugal envolvido nas preocupações internas ou na gestão do seu vasto império, praticamente deixou o arquipélago ao completo abandono. Textos dos finais do século XVII dão conta que o homem cabo-verdiano era muito diferente do português e que tinha surgido uma nova língua no arquipélago onde o povo adoptava hábitos e costumes completamente diferentes do projecto colonial. Durante o século XIX, sobretudo no governo liberal, Portugal adoptou uma política de “recuperação” com apoio do ensino formal e da Igreja, mas a realidade continuou na consolidação da Nação cabo-verdiana com características distintas, não obstante a influência dos seus avós provenientes do mediterrâneo e da África de Oeste. O território insular, ainda que disperso num espaço arquipelágico impôs-se na génese de um novo quadro cultural, pela originalidade do seu território e dinâmica social.

4. A expressão da paisagem cultural resultante da acção do homem sobre a natureza insular

Apesar de possuir um território modesto de apenas 991Km², a natureza vulcânica da ilha de Santiago, imprime uma grande diversidade de relevo, que por sua vez traduz numa variedade de ecossistemas. Essa variedade de relevo constitui o argumento mais importante da escolha desta ilha para o início do povoamento do arquipélago no século XV. Constitui uma ilha montanhosa, com picos culminantes a 1394 metros sobre o nível do mar, dois maciços montanhosos, favorecendo chuvas orográficas e recarga das nascentes que divergem dos pontos altos da ilha, mas ao mesmo tempo apresenta um planalto interior, várias ribeiras e ravinas divergentes para a costa e uma extensão de terras planas na orla costeira sul e sudeste, onde foram instalados os primeiros núcleos urbanos: Alcatrazes e Ribeira Grande.

O escalonamento da vegetação em andares microclimáticos em contraste com as ribeiras de águas correntes nos grandes barrancos e vales favoreceu uma grande diversidade de culturas de regadio e de sequeiro, garantindo a fixação dos primeiros colonos. A ocupação das terras reflectiu bem os nichos ecológicos de uma ilha de relevo complexo. Os grandes proprietários inicialmente morgados, ocuparam as terras de regadio dos vales onde instalaram casa grande e sanzalas. A cana-de-açúcar, as fruteiras e as hortícolas foram as culturas dominantes. As terras de sequeiro, do andar sub-húmido e húmido foram entregues a camponeses mais pobres, geralmente rendeiros ou parceiros dos grandes proprietários de terras. De produção mais dependente das chuvas, correspondem paradoxalmente a maior parcela da ilha e dominadas por terrenos inclinados sujeito à erosão. O andar árido costeiro foi

reservado à pecuária extensiva, dominada por pastores pobres. O planalto central de Santa Catarina, única terra do andar húmido em terreno plano, foi sempre foco de grandes tensões sociais entre os proprietários e camponeses, que disputam a sua alta produtividade, no quadro de pobreza da ilha.

Esta ocupação dos nichos ecológicos da ilha ainda hoje reflecte no tipo de habitação, a actividade dominante na paisagem, os núcleos populacionais que mais progrediram, etc. No limiar do terceiro milénio a ilha de Santiago passa por uma profunda e rápida mudança, com destaque pela perda gradual da importância da agricultura na economia e consequente abandono da agricultura de sequeiro, mudanças tecnológicas no sistema de rega e valorização de novas culturas. Mas a mudança mais notável é a valorização das terras áridas do litoral. Antes consideradas as menos valiosas, hoje atingem preços proibitivos aos nacionais, pela sua transformação em zonas de reserva turística. Os projectos de *resorts* e a especulação imobiliária vão valorizar uma terra considerada marginal desde o povoamento até finais do século XX. A emergência do turismo começa a descobrir a ilha de Santiago a par das outras ilhas do arquipélago onde a implantação já está mais avançada, e alterar completamente o ambiente natural e social de um espaço insular, onde o espaço e o ecossistema ganham valor de recurso económico.

5. Conclusão

A ilha de Santiago é a mais extensa do arquipélago de Cabo Verde, foi também a ilha onde começou o povoamento do arquipélago iniciado no século XV, durante o período de expansão europeia protagonizada pela coroa portuguesa. Partindo de uma paisagem natural *sui generis* na encruzilhada

entre a Macaronésia e o Sahel, a presença humana iniciada com o povoamento introduziu profundas alterações na flora, cobertura vegetal e fauna. O processo de povoamento com a transformação da ilha em placa giratória no comércio triangular entre a Europa, a África e as Américas teve reflexo na gênese de uma nova cultura pelo cruzamento de povos e culturas provenientes da Europa mediterrânica e da África Ocidental, mas paralelamente os ecossistemas da ilha foram modificados pela introdução de plantas e animais de diversas proveniências que eram aclimatizadas antes de chegarem aos destinos finais.

Ao longo de cinco séculos de presença humana uma ilha antes deserta e num equilíbrio frágil foi completamente alterada com a criação de uma paisagem fortemente culturalizada onde o homem busca o equilíbrio entre os fracos recursos naturais e uma economia viável capaz de promover um desenvolvimento sustentável e durável.

A partir da ilha de Santiago a cultura cabo-verdiana consolidou-se na sua originalidade e expandiu pelas sucessivas ilhas do arquipélago povoadas ao longo dos tempos entre os séculos XVI e XIX. A ilha de Santa Luzia ainda continua deserta, apesar de inserida economicamente nos pesqueiros das ilhas vizinhas. Uma das características da nação cabo-verdiana é a sua extensa diáspora resultante de uma emigração ao longo da história, iniciada nos finais do século XVIII e continuada nos nossos dias, no entanto mantém-se uma grande coesão interna na sua identidade tanto no arquipélago como no exterior, sendo a língua crioula, a música elementos destacados da marca cabo-verdiana em todos os países de acolhimento.

A inserção da ilha de Santiago e do arquipélago de Cabo Verde num mundo em globalização no limiar do terceiro milénio vem transformando as ilhas em importante destino

A Ilha de Santiago (Cabo Verde)

turístico e encruzilhada de padrões culturais provenientes da vasta diáspora cabo-verdiana residente no exterior assim como os largos milhares de visitantes que anualmente abordam as ilhas. Apesar da sua localização tão próxima da África de oeste e sua inserção política na CEDEAO o arquipélago conseguiu manter a sua originalidade como lugar de cruzamento de culturas e ideias.



fig. 1 - Localização de Cabo Verde na África Ocidental



fig. 2 - Arquipélago de Cabo Verde



fig. 3 - Ilha de Santiago

A Ilha de Santiago (Cabo Verde)

<i>Ilhas e ilhéus</i>	Superfície em Km ²	População em 2010
Santo Antão	779	43 915
São Vicente	227	76 107
Santa Luzia	35	0
Ilhéu Branco	3	0
Ilhéu Raso	7	0
São Nicolau	343	12 817
Sal	216	25 657
Boa Vista	620	9 162
Maio	269	6 952
Santiago	991	273 919
Fogo	476	37 051
Brava	64	5 995
Ilhéu Grande	2	0
Ilhéu Luís Carneiro	0.22	0
Ilhéu de Cima	1.15	0
Total arquipélago	40.33.37	491 575

tab. 1 - Quadro comparativo das dimensões das ilhas de Cabo Verde

Bibliografia

1. AMARAL Ilídio do, *A irrupção de Estados-insulares após a segunda guerra mundial: um facto novo de geografia política* (Finisterra, XII, 44 Lisboa 1987)
2. AMARAL Ilídio do, *Fronteiras do Sahel: alguns aspectos geográficos* (Garcia de Orta, Sér. Geogr., 11 (1-2), Lisboa 1986)
3. AMARAL Ilídio do, *Santiago de Cabo Verde - a terra e os homens* (Memória da JIU, Lisboa 1964)
4. ANÓNIMO, *Notícia Corográfica e Cronológica do Bispado de Cabo Verde..1784 - Apresentação, notas e comentários de António Carreira* (ICL, Praia 1985)
5. BAEZ M., SANCHEZ-PINTO L., *Islas de Fuego y Agua: Las Palmas de Gran Canaria* (Edirca, 1983)

6. CARREIRA António, *Cabo Verde - formação e extinção de uma sociedade escravocrata 1460 -1878* (ICL, Praia 1983)
7. CHEVALIER A., *Les Iles du Cap Vert, Géographie, biogéographie, agriculture* (Flore de l'archipel, Rev. Bot. Appliqué, , Tome XV, Paris 1935)
8. ALBUQUERQUE Luís de e MADEIRA SANTOS Maria Emilia (coord.), *História Geral de Cabo Verde Vol. I* (Instituto de Investigação Científica Tropical (Portugal) e Direcção Geral do Património Cultural (Cabo Verde), Lisboa-Praia 1991)
9. LOPES FILHO João, *Cabo Verde - Subsídios para um levantamento cultural* (Plátano Editora, Lisboa 1981)
10. LUCAS DE SENNA M.R., *Dissertação sobre as ilhas de Cabo Verde 1818 - anotações e comentários de António Carreira* (ICL, Praia 1987)
11. PEREIRA Daniel A., *Marcos Cronológicos da Cidade Velha* (Colecção Estudos e Ensaios, ICL, Praia 1988)
12. RIBEIRO O., *A Ilha do Fogo e as Suas Erupções* (JIU, Lisboa 1960)